

O LUTO DE TOMÁS

[Há agonia em uma curta sessão de psicanálise]

Yvisson Gomes dos Santos¹

Interjeição de assuntos que voam sob o olhar dos amantes. A frase que irradia o inquieto, o supremo absoluto em marcas grossas e rarefeitas. Eis a vida – disse em silêncio de intenções suspiradas.

Nada sabia do que falava deitado no divã. Mas algo culminava em entradas de frestas que o povoavam – era poesia. Não, na verdade. Era um fraseado de sentidos múltiplos e plurirreferenciados. Danou-se a falar silenciosamente: rupturas, alavancas de tecidos agonísticos sobre a vida que o enlutava. Seu pai havia morrido, e não sabia o que dizer ao analista o pergaminho de seus interesses e mistérios.

– É um luto – iniciava o psicanalista.

– Não sinto bem esse luto, porém sei que existe.

– Onde existe?

– Lá no vazio, no inominável – pensou.

– Sair do orifício de desejos perturbadores não seria o momento. Entre profundamente no âmago do seu discurso enlutado. Mostre-se nele. Diga!

– Meu pai morreu e com ele foi-se um pedaço de uma alma enviesada.

– Você o amava?

– Eu tinha ternura pelo meu pai.

– Ternura – palavra leve para um discurso dolorido. Terno – ele vestia?

– Sim, de cor preta com uma gravata vermelha. Eu o vi quieto, tão terno.

– Ternura seria o sentimento?

– Sim, e com impacto grande e feroz. Ele morreu.

– Sinto muito, ele morreu. Mas seja terno com sua dor e consigo.

¹ Mestre em Educação pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Professor de Filosofia da Secretaria de Estado de Educação de Alagoas. E-mail: yvissongomes@hotmail.com

– Obrigado, Merci.

Saiu quieto do divã e algo havia deixado por lá: sonhos de uma separação. Nunca mais voltou ao seu analista. Decretou-o morto. Depois disto, teve filhos, esposa e se casou pela segunda vez. Feliz estava em ser pai.

[sentimentos e sensações que nada dizem se não forem expostos ao corpo que grita e pede ajuda enlutado]

*Recebido em 24 de maio de 2019.
Aprovado em 1º de junho de 2019.*